



HISTÓRIAS DE UMA CRIANÇA MATEMÁTICA PERDIDA: A EXPERIÊNCIA DE REFLETIR E DE ESCREVER SOBRE MIM

Laura Renó Claro¹

Maura Araujo Dias²

Everaldo Gomes Leandro³

Resumo

O objetivo deste relato é refletir sobre como a construção do memorial de formação durante a graduação contribuiu para minha formação como futura professora. A escrita do memorial de formação me tornou mais confiante e me fez entender que mesmo não tendo sido considerada uma “boa” aluna em matemática durante a Educação Básica, ainda tenho a capacidade de ensinar matemática para alunas/os que serão como eu fui. Escrevo esse relato com o intuito de evidenciar a importância de licenciandos terem a oportunidade de escrever suas próprias histórias e se curarem através do contar.

Palavras-chave: Educação Matemática; Memorial de Formação; Escrita de Si; Formação Inicial; Cura.

1. INTRODUÇÃO

As ações que serão descritas neste relato de experiência começam no segundo semestre do ano de 2024 com um grupo de 8 alunos que estavam matriculados no quarto semestre do curso de Licenciatura em Matemática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) - Campus Campos do Jordão nas aulas da disciplina de “Tendências em Educação Matemática” e percorreu para o primeiro semestre de 2025 nas disciplinas de “Laboratório e Práticas de Ensino da Matemática I”, “História, Cultura e Etnomatemática I” e “Extensão II”.

Foi apresentada para nós, estudantes do quarto semestre de Licenciatura em Matemática, a proposta da escrita de um memorial de formação como parte do portfólio da disciplina estudada em 2024. Em geral, o memorial de formação é um gênero textual que tem por objetivo não deixar práticas, inquietações, alegrias, concepções e crenças

¹ Licencianda em Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Campos do Jordão, SP, Brasil. E-mail: lrenclaro@gmail.com.

² Mestra em Matemática pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Guarulhos, São Paulo, Brasil. E-mail: maura.dias@ifsp.edu.br.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Campos do Jordão, São Paulo, Brasil. E-mail: everaldo.gomes@ifsp.edu.br.

de professoras/es caírem no esquecimento (Prado, 2007, p. 2). Nenhum dos estudantes havia tido contato com esse modelo de escrita e, inicialmente, foi nos dito que deveríamos escrever livremente sobre nossas memórias sem preocupação com o que isso resultaria ao final.

Após ter tido a oportunidade de simplesmente descarregar uma pilha de desabafos em nossas versões iniciais, passamos por um processo de compreender como um memorial de formação deve ser escrito e, também, de valorizar essa escrita principalmente para alunos que ainda estão em processo de formação inicial.

A partir do contexto aqui apresentado, o objetivo geral deste relato é refletir sobre como a construção do memorial de formação durante a graduação contribuiu para minha formação como professora.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Antes da elaboração da primeira versão do memorial, começamos com a leitura do texto “Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação” (Oliveira, 2011) e de um dos capítulos do livro “Professores do Brasil: novos cenários de formação” (Gatti, 2019) para que pudéssemos nos familiarizar e valorizar a escrita de narrativas para a formação de professores reflexivos.

A partir das ideias de Oliveira (2011), entendi que a escrita de narrativas durante a graduação, ou até mesmo após ela, se torna importante pois aquele arquivo permite que os sujeitos sejam capazes de compartilhar suas angústias e alegrias sobre a profissão com outros que podem, ou não, se identificar e então também compartilhar suas vivências.

Assim, as narrativas, em um contexto de formação de professoras/es, se encaixam em um papel autoformador para as/os estudantes de licenciatura. Oliveira (2011, p. 292) argumenta que mesmo que a trajetória de nossas vidas não defina exatamente quem somos, ter a visão dela a partir da escrita nos permite refletir sobre o contexto no qual estávamos inseridos diante de diversas situações e como esse mesmo contexto influenciará no nosso futuro quando estivermos em sala de aula, possibilitando a construção de diversos olhares sobre nós mesmos.

Pensando nas narrativas como instrumento de formação de professores reflexivos, Gatti (2019) complementa a discussão ao apontar que:

[...] a reflexão coletiva faz-se necessária e contribui para que a comunidade educativa possa ser mais resistente às pressões que o contexto social e institucional exercem. Um dos desafios que acompanha a história da formação docente tem sido o de superar o uso da reflexão como prática exclusivamente individual e restrita à própria prática, pois se supõe que a reflexão na prática profissional, que tem na teoria e na reflexão coletiva suas bases de sustentação, poderá oportunizar ao professor a tomada de consciência do sentido de sua profissão, e, assim, ressignificar a sua prática, levando-o a refletir sobre sua cultura, suas experiências pessoais e profissionais, o que lhe possibilitará o exercício da autonomia. Desse modo, quando desenvolver a reflexão com seus pares, o professor exercerá a dimensão crítica, política e social da atividade docente. (Gatti, 2019, p. 186)

Dessa forma, o compartilhamento de narrativas se tornou um dos pilares para que pudesse me constituir como uma futura professora de matemática que será capaz de exercer a profissão que escolhi seguir. Ao ouvir os relatos dos meus colegas em relação ao medo da profissão e ao perceber que também sentia esse mesmo medo, tive a oportunidade de, a partir de suas falas, refletir sobre o sentimento que sentia, com base no contexto de uma Educação Básica precária, e compreendi que mesmo com esses empecilhos ainda conseguiria ser uma boa professora.

Por outro lado, o memorial de formação enquanto gênero textual, é definido por Prado e Soligo (2007) como:

[...] predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período – combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (os que apresentam conceitos e ideias, a que geralmente chamamos ‘textos teóricos’). Se tomarmos em conta a definição mais clássica dos tipos de discurso – narrativo, descritivo e argumentativo –, poderíamos dizer então que o memorial de formação é um gênero que comporta todos eles, embora evidentemente predomine o discurso narrativo. Em se tratando do estilo, também há lugar para diferentes possibilidades: a opção pode ser por um tratamento mais literário, ou mais reflexivo, ou pela combinação de ambos. (Prado e Soligo, 2007, p. 7)

Sua escrita assume o papel de explicitar para educadoras/es ou futuras/es formadoras/es que suas perspectivas não devem ser esquecidas ainda mais sem serem refletidas pois é ao recordar que passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. (Prado e Soligo, 2007).

3. OS CICLOS DE CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

A partir dos pressupostos acima, busco refletir sobre como a construção do memorial de formação durante a graduação contribuiu para minha formação como futura professora. Essa reflexão está organizada em três ciclos e o primeiro deles se encontra a seguir.

3.1 Primeiro ciclo: a narração de muitas emoções

A escrita do memorial surgiu a partir da proposta da professora da disciplina de “Tendências em Educação Matemática” como um instrumento que compunha parte da nota resultante das avaliações feitas. Mesmo após uma resistência do grupo de estudantes no sentido de escrever algo novo, chegamos na nossa primeira versão completa de emoções e experiências pessoais. Esse primeiro momento de escrita contém “uma carga emotiva intensa, trazem à memória as emoções positivas ou negativas para o sujeito que as vivenciou e representam algumas vezes momentos decisivos para mudanças, transformações etc” (Oliveira, 2011, p. 291).

Antes de iniciar nossa escrita, a professora enviou para nós, grupo de alunos, um documento onde podíamos ter acesso ao objetivo da escrita, a metodologia que seria utilizada para a escrita e uma lista de tópicos que poderiam ser discutidos na escrita. Dentro da lista citada, alguns assuntos foram mais recorrentes em nossas escritas, tais como as características de sua família e lembranças da vida escolar. Nesse primeiro momento, boa parte das histórias que narrei eram estruturadas através de situações pessoais como: a perda de uma pessoa querida, frustrações sobre me sentir só, falta de carinho em casa após a perda da pessoa querida citada anteriormente, entre outros. Entendo que esses acontecimentos dizem muito sobre mim mesma e que eles precisavam ser escritos para que o memorial pudesse evoluir mesmo que na época não achasse que valeria a pena continuar a escrita.

Logo em seguida, após a maior parte do grupo de estudantes não conseguir dar início a sua escrita por nunca terem tido acesso a um modelo como este, a professora disponibilizou para nós, grupo de estudantes, o seu próprio memorial de formação intitulado “Meu caminho do Peabiru”. Após o envio e leitura desse material, escrevi o meu primeiro parágrafo quase idêntico ao primeiro parágrafo da professora.

Eu sou Maura, mulher cis hétero e branca do interior de São Paulo, feminista, cozinheira, amiga dos amigos e mãe de plantas e gatos – Monalisa, Rita e Luiz Inácio. Sou uma professora com 41 anos de idade e 23 anos de uma

carreira cheia de tropeços e muita alegria também. Hoje em dia, trabalho no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), estou muito satisfeita com a minha carreira e muito segura sobre a qualidade do trabalho que desempenho.” (Arquivo pessoal da professora, 2024, p. 1)

Meu nome é Laura, tenho 19 anos, sou uma mulher branca cis *pan sex e uau*⁴ do interior de São Paulo, crocheteira e amante de música (só não suporto eletrônica). Atualmente estou morando em Campos do Jordão e faço faculdade de Licenciatura em Matemática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. (Memorial da primeira autora, 2024, p. 1)

Por nunca ter tido acesso a nenhum texto escrito no formato de memorial de formação, ainda não sabia bem como me portar diante da escrita do meu. Então, a quase cópia do memorial de uma pessoa que confio se tornou o caminho mais seguro pensando que aquela escrita valeria nota e novamente sentia que precisava fazer tudo perfeitamente logo de início.

Até o término da escrita da primeira versão do memorial de formação, nunca tinha tido a oportunidade de pensar sobre minha jornada acadêmica. Partindo dessa ideia, nunca tinha nem ao menos refletido sobre quais memórias realmente me moldavam como estudante/futura professora, então muito do que foi contado na primeira versão do meu memorial eram histórias pessoais e traumáticas para mim e que não foram refletidas o suficiente para conseguir contá-las e que ao tentar contá-las resultou em um *travamento* da minha escrita. Ao escrever como a escola, mesmo sendo um ambiente onde eu me cobrava tanto, continuava sendo uma válvula de escape para que não acabasse “me afundando em algo bem ruim” (Memorial da primeira autora, 2024, p. 2), acabei lembrando de muitos momentos específicos da minha vida que me fizeram não conseguir escrever mais e isso aconteceu com a maior parte dos meus colegas de sala, porém por motivos distintos. No fim desse primeiro ciclo de escrita tinha uma versão do memorial que focava nos momentos que foram essenciais para resultar em uma criança insegura, porém não necessariamente uma estudante insegura. A partir dos sentimentos que esbocei na primeira versão, dei andamento ao que escolhemos chamar de segundo ciclo de escrita.

3.2 Segundo ciclo: a escrita como um processo de cura

Ao chegar no primeiro semestre de 2025, ocorreu uma discussão entre os alunos, a professora da disciplina recém finalizada “Tendências em educação matemática” sobre como foi ter feito a escrita da primeira versão do memorial de formação e a conclusão dessa conversa foi que a primeira versão poderia ser apelidada como “um grande

⁴ Gíria utilizada entre pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ para se referir a pessoas pansexuais

desabafo”, se aproximando de um processo terapêutico e de cura onde contamos histórias que mesmo que não fizessem parte necessariamente da nossa experiência atual como alunos da graduação ainda assim precisavam ser contadas. Por esse motivo, a professora elaborou uma lista juntamente com os alunos sobre o que deveríamos contar e como deveríamos contar.

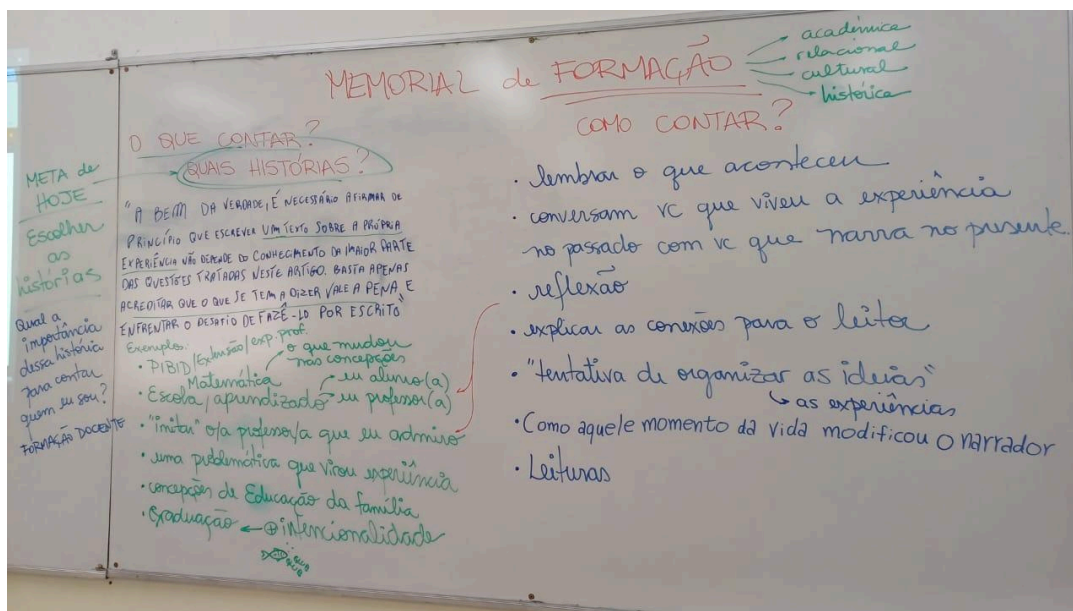


Figura 1: lousa com orientações para a escrita da segunda versão que foram feitas a partir da discussão coletiva sobre a primeira versão.

Como muitas das questões que surgiram na primeira versão do meu memorial de formação eram pessoais, uma ampla parte das mesmas foi cortada ou reescrita com uma visão mais focada no que realmente deveria estar ali. Retirei a parte onde explicitava o sofrimento sobre a perda de um ente querido pois percebi que ainda não me sinto bem para refletir em como a ausência dessa pessoa em minha adolescência me atingiu como futura professora. Quando escrevi sobre como foi ter crescido como uma criança fechada por falta de carinho, pude analisar e reescrever sobre o assunto entendendo que só me considerava uma criança “fria” e perdida porque sou uma pessoa da comunidade LGBTQIAPN+ e mulher que moro em uma cidade do interior que é estruturada pelo machismo e pela homofobia.

Todo esse processo de análise e reescrita aconteceu pois concordo com Prado e Soligo (2007, p. 6) que mesmo que o memorial seja um texto “[...] em que o autor faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importantes, ou interessantes, no âmbito de sua existência.” ele também é considerado como um ato terapêutico e confessional que será repleto de emoções,

paixões e sentimentos que estarão em sua memória e, por vezes, alguns desses sentimentos ainda não caberá ser relatado no memorial.

3.3 Terceiro ciclo: me reconhecendo como capaz

Quando iniciei a escrita da segunda versão do memorial de formação, acabei tendo uma visão mais sistemática do que precisava contar pois, a partir da orientação dada pelos professores, elaborei uma lista em ordem cronológica do que deveria contar. Assim, consegui sair de “[...] me cobrava muito para conseguir me manter com a média que meus pais criaram, 8 para cima [...]” (Primeira versão do memorial da autora, 2024, p. 1) para uma reflexão mais aprofundada sobre o motivo de ter crescido sendo uma criança ansiosa e que se cobra demais quando o assunto era a escola.

Meus pais sempre me cobravam boas notas e um trabalho impecável, lembro de estar na mesa de jantar chorando enquanto ouvia meu pai reclamar que não estava sabendo colocar os acentos certos e não podia errar pois estava fazendo um trabalho na folha de almoço e situações como essa fizeram com que eu me tornasse uma estudante ansiosa e sempre muito precavida quando o assunto era a escola. (Segunda versão do memorial da autora, 2025, p. 1)

O professor de “Laboratório e Práticas de Ensino da Matemática I”, “História, Cultura e Etnomatemática I” e “Extensão II” deu continuidade ao trabalho e fez uma devolutiva da segunda versão do memorial de formação, além de nos apresentar uma rubrica de avaliação do memorial que continha elementos como: detalhamento e reflexão, relações com a matemática e seu ensino, aprendizados da graduação, seleção de informações e de histórias relevantes, entre outros.

Nesse momento me dei conta de que não havia contado nada, ou quase nada, sobre a minha relação com a matemática mesmo sabendo o quanto ela me compõe mais como futura professora do que outras informações que havia citado na segunda versão. Então, fiz o movimento de rever momentos da graduação que teriam sido importantes para mim como (I) acolhimento que pude encontrar em projetos que disseminavam a inclusão de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ e de outras minorias e (II) o meu processo de autoconhecimento como uma pessoa que pode sim ser boa em matemática mesmo não tendo cálculo mental rápido estando em uma sala repleta de pessoas que tem. Só pude compreender que a afirmação (II) se mostrava ser uma afirmação

verdadeira, pois enquanto pensava sobre minhas atitudes em aula e meus conhecimentos sobre as matérias estudadas para escrever sobre elas, pude tomar consciência de que não sabia o quanto realmente sabia (Prado e Soligo, 2007, p. 9).

Sei que esse processo ainda não terminou, estou trabalhando na próxima versão e sei que existirão muitas futuras versões em que irei avançar na minha compreensão sobre os aspectos que contribuem e contribuirão para minha formação. Como dizem meus orientadores, “formação é todo dia”. E todo dia eu buscarei viver e refletir sobre as experiências que construirão minha identidade pessoal e docente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que não tenha sido uma experiência recheada de boas lembranças, entendo que a divulgação da mesma se torna importante pois a forma que eu me via no início da graduação (antes da escrita do memorial) me fazia ter muito mais medo do que venho sentindo por agora. Nos primeiros semestres, ainda não me sentia pertencente à comunidade que estava e, também, não entendia bem o motivo disso, acredito que existem pessoas com esse mesmo medo que estão nos cursos de Licenciatura em Matemática por todo o país. Por esse motivo, entendo que, para que eu conseguisse escrever, mesmo sendo algo desafiador, bastou apenas que eu entendesse que o que tinha a dizer valia a pena e enfrentar o desafio de fazê-lo por escrito valia ainda mais (Prado e Soligo, 2007, p. 2).

Na escrita do memorial de formação pude fortalecer-me como alguém que realmente pode ser professora e que sou capaz de ensinar pessoas que também eram deixadas para trás por não serem destaques em uma sala de aula de matemática por não conseguirem, ou serem impedidas, de acompanhar o conteúdo.

REFERÊNCIAS

GATTI, Bernadete *et al.* **Professores do Brasil: novos cenários de formação.** 2019.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **Revista Educação Pública**, p. 289-305, 2011.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, G. G., V. T; SOLIGO, R. (Org.). **Porque escrever é**

fazer história: revelações, subversões, superações. 2.ed. Campinas: Alínea, 2007. v.1, p.45-60.